

DES-VESTIR: A CONSULTORIA DE IMAGEM E ESTILO COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Des-Dressing: Image and Style Consultancy as an Aesthetic Experience

Freire, Renata Santiago; Universidade de Fortaleza, renatasantiago@unifor.br¹


Resumo: O objetivo da pesquisa é pensar a consultoria de imagem e estilo como campo privilegiado da experiência estética, permitindo na apropriação dos objetos tecidos, projetados e imaginados, nas tramas e cores, o contato com uma profusão de signos, com os quais cada sujeito opera subjetividades. Apresenta relato de experiências, enquanto artista-pesquisadora-professora, como índices e rastros de um percurso metodológico de ensino e criação.

Palavras chave: Consultoria de imagem; Experiência Estética; Subjetividade.

Abstract: The objective of the research is to think about image and style consultancy as a privileged field of aesthetic experience, allowing, in the appropriation of woven, designed and imagined objects, in weaves and colors, contact with a profusion of signs, with which each subject operates subjectivities. It presents reports of experiences, as an artist-researcher-teacher, as indexes and traces of a methodological path of teaching and creation.

Keywords: Image consultancy; Aesthetic Experience; Subjectivity

¹ Artista, designer e personal stylist. Pesquisadora e professora universitária do Curso de Design de Moda da Unifor. É graduada em Design de Moda pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e possui mestrado em Artes. É diretora criativa do Modaparamim, empresa de criação de moda autoral e consultoria de imagem e estilo onde tece relações entre arte, moda e psicanálise.




Introdução

Singularidade, diferença e relação são palavras potentes em um serviço de consultoria de imagem e estilo. Há uma teia artística, delicada e complexa que se forma, tal como é expresso por Edgar Morin ao dizer que complexo é o que é tecido junto. O que vemos de resultado não se esgota na visibilidade da imagem criada, pois é provável que a construção de cada história de vida seja como uma tecelagem contínua que deixará algo ausente. A dúvida, a falta, um desalojamento, a persistência de um desamparo, pois a roupa, essa segunda pele, pertence ao mesmo tempo ao dentro e ao fora de nós.

Esta pesquisa entende que uma consultoria de imagem e estilo pode atuar na promoção das experimentações de deslocamento de sentido dentro de um determinado trabalho-vida-contexto, e deste trabalho-projeto em relação ao seu espaço circundante. O ato criador reside na maneira inventiva com que elementos pré-existentes são combinados no tempo/espaço, operando a partir daí transformações e produção de subjetividades (e alteridade) sob influências internas (afetos, tendências, memórias) e externas (cultura, política, acaso) ligadas neste processo sempre em movimento.

A problemática levantada volta-se para a possibilidade (ou não) de pensar a moda como experiência estética, do ponto de vista da criação-pesquisa-ensino. E, ainda como agente transformador de subjetividades que proporciona experiências outras do sentir e construir o mundo. Dessa forma, elencamos algumas questões norteadoras: Como significantes e imagens são transformados pela memória no espaço relacional e inferencial na prática da consultoria de imagem e estilo? Como estas ações repercutem em sala de aula e fora dela? O processo cartografado expõe a memória de si e a memória coletiva do outro, da cidade, do social, das inter-relações humanas tencionadas.

A título de produto, esta pesquisa objetiva formar um pensamento visual e conceitual em moda/arte-pesquisa-ensino com base no próprio processo de criação e de experiência docente, por meio de experimentações estéticas diversas, isto é, práticas reflexivas. Especificamente: formar uma consciência crítica dos percursos e processos de criação em consultoria de imagem e suas conexões



com a prática docente e artística; investigar relações de espaço e tempo; questões relativas ao corpo, memória, percepção, alteridade; pensar recursos de criação em rede.



ela@grandesite.com.br

Entendendo que atuo em um contexto de interações que são geradas por encontros, que por sua vez são gerados em um espaço-tempo de agitação e turbulência, o percurso aqui passa por investigar, mapear, e, principalmente, experimentar as questões e fricções processuais que arte/moda-pesquisa-ensino pode estabelecer em seus modos de intercâmbio social. A prática como docente de ensino superior em Arte/Moda se dá desde o ano de 2015 no curso de Design de Moda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Os atendimentos em consultoria de imagem e estilo acontecem desde 2010 presencial na cidade de Fortaleza e on-line para todo o Brasil. Portanto, existe um estudo prático-reflexivo sendo justamente resultado destes encontros.

As articulações em moda se apoiam, principalmente, nos conceitos da moda como discurso e linguagem (OLIVEIRA, 2007); como algo que veste um corpo mutante (CASTILHO e VICENTINI, 2008); como elemento que narra as estruturas temporais e contemporâneas (SANT'ANNA, 2014); como agenciador que entrecruza questões identitárias e psicanalíticas (NAVARRI, 2010). Metodologicamente, com base no relato de experiências, opera com os conceitos de miscigenação a/r/tográfica (DIAS, 2007; IRWIN, 2013); de relações cartográficas (DELEUZE; GUATTARI, 1995); de geografia dos afetos (ROLNIK, 1999); e dos conceitos de arquivos e redes de criação (SALLES, 2006, 2010).

O vestir subjetividades: campo privilegiado da experiência estética

Assim como os tecidos, cada vida é composta por múltiplos fios, e é merecedora de uma escuta receptiva. O vestir se apresenta como campo privilegiado da experiência estética, permitindo na apropriação dos objetos tecidos, projetados e imaginados, nas tramas e cores, o contato com uma profusão de signos, com os quais cada sujeito opera subjetividades, dia após dia. Sabendo-se ou não, querendo-se ou não. A moda por implicar o ato de vestir formula um ritual identitário comum a todos, e, ao mesmo tempo, singular para cada um (corpo e memória) guardadas as diferenças sociais. Além disso, representa um processo diário, necessário e de apresentação do sujeito, em que cada indivíduo se reconhece ao se indumentar, sempre mutante, sempre em inacabamento.

A consultoria de imagem trabalha no lugar do "entre", numa implicação de experiência, na medida em que o processo vivenciado promove experiência de transformação ao arrancar da ética



ola@grandesite.com.br

de cada sujeito, sua memória e do vivido a máxima extração das possibilidades da linguagem conceitual-visual.

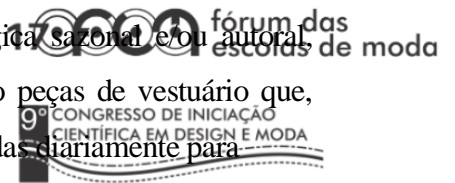
O vestir é sempre um recomeço, pois seu ato pressupõe ação de escolha, sentenciando nossos desejos, caminhos, sonhos, medos e aspirações na costura entre tempo, espaço e memória. A roupa conserva a lembrança do que acreditamos ser, testemunhando o olhar do outro sobre nós mesmos, marca as pegadas de nosso caminho, 'a roupa ergue-se então contra o tempo e o esquecimento' (JOURBERT, 2007, p. 157).

A consultoria de imagem trabalha no lugar do "entre", numa implicação de experiência, na medida em que o processo vivenciado promove experiência de transformação ao arrancar da ética de cada sujeito, sua memória e do vivido a máxima extração das possibilidades da linguagem conceitual-visual. O interessante é constatar e sentir que algo foge permanentemente, abrindo espaço para a incompletude do desejo. Portanto, para a criação. Aqui, a noção de experiência, procedimento, atitude e produto se imbricam. A consultoria de imagem e estilo pensada como experiência estética permanentemente investiga o processo do corpo e da memória em ação, realizando aproximações com o inconsciente e a psicanálise.

Uma das esferas de natureza da moda é a efemeridade e o culto do episódico, do momento, narrando o espírito do tempo que nos perpassa. Outra esfera é o seu caráter atemporal ligado a processos de criação artísticos. Neste pensamento, a roupa deslocada de um corpo toma outro sentido como objeto. Assim, vestir se configura como um ato dual, de natureza utilitária e de escolha criativa; de narcisismo (já que é antes de tudo para mim) e de generosidade (já que também me exponho ao outro). A moda age como reflexo de cultura e comportamento, seu sistema é fruto produzido nas teias sociais de um tempo, escancara as angústias de cada ser, é sendo... sendo tudo, menos a roupa em si. Há quem diga que nus, mostramos nossas vergonhas. Sempre senti que vestidos, é quando mais estamos expostos e denunciados.

A moda oferece uma identidade imaginária mutável, por pregar posições que o sujeito pode ou não adotar. Nesse sentido, a moda se configura como uma estratégia corporal imaginária. A todo momento estamos emitindo uma linguagem não verbal potente e direta, e que é comum a

todos. Estou falando de nossas roupas que são pautadas por uma lógica sazonal e/ou autoral, comercial e/ou conceitual, efêmera e/ou atemporal. Seja como for, são peças de vestuário que, embutidas de tendências passageiras ou histórias atemporais, são oferecidas diariamente para



ola@grandesite.com.br

cobrirmos nosso corpo e vivermos o dia após dia. É através dessa poderosa linguagem visual, tão carregada de significações, que observamos características de um indivíduo, assim como as transformações de uma sociedade

Além de desempenhar funções psicológicas, o vestir enquanto experiência estética se associa aos conceitos de moda enquanto ethos social, pois

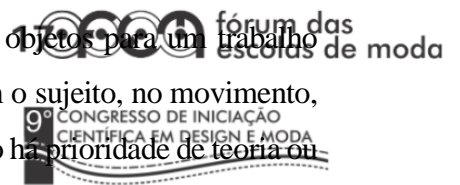
A moda é o ethos consumado da sociedade da sobremodernidade, do tempo do lazer e do desencanaixe, da sociedade alimentada e regulada pelo prazer de ver e ser visto. É isso que justifica ser a imagem o cerne do mito da sociedade atual. É o ethos moda que permite a interação dos sujeitos ao mundo através da experiência estética, acima de qualquer outra, tendo em vista a possibilidade da poiesis diária na criação de um novo eu que reafirma a existência do mesmo ser desejado (SANT'ANNA, 2014, p.97).

A moda acaba sendo um dispositivo para a compreensão e tradução do mundo através de um pensamento visual que se faz por meio dos aspectos morfológicos escolhidos para ilustrar a si dentro da temporalidade não só do sistema capitalista vigente como também da temporalidade singular de cada sujeito. Nesse sentido, corpos, sentimentos e memórias são traduzidos por meio de cores, tecidos, texturas, linhas, silhuetas e funções diversas, 'trata-se de um caminho que se faz em retalhos, patchworks, fuxicos e rendas em permanente construção de identidade. Afinal, o que vestimos faz ver aquilo que supomos saber sobre nós e as relações que processamos' (CASTILHO e GARCIA, 2001, p.14).

Sob essa perspectiva, as definições existem para que cada uma possa, metaforicamente, construir o significado de sua feminilidade com os predicados singulares que compõem a sua própria rede de significantes. Podemos dizer que a produção estética contemporânea está voltada para o processo. A ideia de novo na criação está no modo como as coisas existentes são colocadas juntas e transformadas em força ou ação produzindo linguagens híbridas e diversas, 'hibridismos, contaminações, fragmentações, desmaterializações, conceitualismos, colagens, apropriações e estreitamentos entre arte e vida'. (ROLIM, 2009, p.72) Saber juntar é dar novo sentido e isto contém um dado de inovação próprio dos processos em arte/moda contemporânea.

Em Cartografias do desejo (1999), Félix Guattari e Suely Rolnik nos apontam a subjetividade como sendo uma espécie de figura "da dobra" – produzida em relações saber/poder e

também dos sujeitos consigo mesmos, quando estes se colocam como objetos para um trabalho sobre si. A subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito, no movimento, no ponto de encontro, em experiência. Ainda segundo este raciocínio, não há prioridade de teoria ou



ola@grandesite.com.br

de práticas, mas imanência de saber/poder na produção de subjetividades. Sobre a produção de subjetividade, estes autores nos dizem ainda que ela se constitui como matéria-prima de toda e qualquer produção, 'ela se refere aos modos de expressão que passam não só pela linguagem, mas também por níveis semióticos heterogêneos' (GUATARRI & ROLNIK, 1999, p.28) nos alertando para o fato de que atualmente todos os fenômenos que nos perpassam envolvem dimensões do desejo e da subjetividade.

A subjetividade seria, portanto, uma produção histórica, tendo por característica um aspecto mutacional e de metamorfose dentro do curso da história, não tendo centro, permanência ou substância. Dessa forma, compreendemos que a subjetividade é da ordem dos efeitos, se dando nas relações de força de saber e poder que atravessam o sujeito. Não há, portanto, um sujeito universal, transcendental e genérico, mas sempre sujeitos históricos e localizados.

Consultoria de imagem e estilo: esforços metodológicos

Esta investigação compartilha uma pesquisa de campo em que a consultoria de imagem e estilo é explorada pelos nichos da experiência estética e da docência, da prática artística e pedagógica. Apresenta relato de experiências, enquanto artista-pesquisadora-professora, como índices e rastros de um percurso constituído nos fluxos das experimentações; expõe uma cartografia do processo de criação, de ensino, de prática e reflexão, a que Belidson Dias chama a/r/tografia:

Ao colocar a criatividade à frente no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a a/r/tografia gera insights inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor. O ponto crítico da a/r/tografia é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento (DIAS, 2007, p. 24).

Realiza-se aqui um percurso de pesquisa em moda, cuja travessia, como artista-consultora-pesquisadora-professora, se faz pela produção artística em fluxo, pelo estudo crítico

e pela prática pedagógica, repleta de acasos e incertezas. Soma-se a isso a junção teórico-reflexivas e prático-expressivas, na busca por experiências dotadas de potência e novos saberes. Pensemos a a/r/tografia como sendo uma forma de investigação relacionada, ligada intimamente



ola@grandesite.com.br

à pesquisa-ação, encarada como uma prática viva que abrange as práticas do artista-educador-pesquisador, muitas vezes com caráter intervencionista. Sua natureza favorece práticas contemporâneas de se fazer pesquisa (DIAS e IRWIN, 2013).

Como se vê o saber cartográfico articula o saber subjetivo com o saber coletivo, ativando uma circulação de fluxos que se dá no mapeamento de falas, memórias, apontamentos, registros, impressões, afetos. Desta forma, as definições teóricas caminham com as imagens, estas por sua vez caminham funcionando como um caminho feito por pegadas, miolos de pão, retalhos de tecido, fios trançados ou emaranhados... com o desejo de que elas nos levem no “final” a um entendimento ainda mais profundo sobre o que aqui se buscou experimentar ética e esteticamente.

Se trago como objeto de estudo investigativo práticas reflexivas é por querer patentear-las academicamente em termos de experiência estética (sensível) e produção de conhecimento (conceitual), mais ainda por pensar em sua contribuição para minha formação artística e docente. Trabalho com o traçado da cartografia na medida em que ela é um método de pesquisa intervenção que prioriza o acompanhamento de processos, a ocupação de territórios e a abertura para o plano de forças com a ideia de conhecer a experiência em sua dimensão criadora e poder mediá-la no ensino de moda/arte (KASTRUP e PASSOS, 2013).

A minha experiência docente aponta que a moda se apresenta como matéria e meio potente para a reinvenção do tempo no contemporâneo. Percorremos os espaços urbanos e os espaços de sala de aula explorando as limitações do corpo e as relações e tensões por ele atravessadas através da experiência em rede e da relação com o outro, encarando a docência como um local de experimentação e relação.

Pensamos como Suely Rolnik quando nos coloca que ‘através da prática artística, atividade de semiotização da experiência humana em seus devires, a vida afirma-se em seu erotismo criador, gerando novas paisagens existenciais’ (ROLNIK, 1999, p.3). Trabalhar e pesquisar a moda é trabalhar incessantemente com o corpo, é elaboração do tempo presente em uma trança de sentidos por meio da multiplicidade de afetos que esta prática nos convoca.



Como artista-pesquisadora-consultora de imagem-professora de moda, articular o planejamento e organização de eventos de moda e desfiles na rua que falem sobre arte (disciplina: Produção de Moda), oriento o desenvolvimento de produtos e coleções inspirados



ola@grandesite.com.br

no processo de autoconhecimento por meio da investigação do processo criativo (desenhos e textos geradores) do aluno (disciplina: Laboratório de Prototipagem III). Assim como ministro a cadeira de Consultoria de Imagem que foi instituída na matriz dos cursos de Design de Moda da Unifor no ano de 2022.

Diz-se aqui da criação de um pensamento visual estruturado por meio de imagem e raciocínio com sensibilidade do olhar e da formação teórica. O caminho passa por desenvolver este pensamento em um vestuário/espço com linguagens distintas onde o sujeito pode vestir e explorar a memória do corpo na interação com o gesto materializado nas sensorialidades. É por este viés que aqui elaboramos reflexões críticas sobre a prática da consultoria de imagem articulada à moda, cuja prática metodológica experimenta arrancar o sujeito dele mesmo em contato com corpos no vivo.

Essa experiência se dá na interação do organismo com o ambiente, resultando em uma sedimentação corpórea onde a interação do sujeito na ambiência gera e impulsiona novas ações (PIMENTEL, 2015). Se a ação gera potência cognitiva, a experiência acontece exatamente na criação e na fruição da produção estética, de modo que o sujeito é comprometido no processo, envolvendo-se ativa e criativamente. É no ambiente de interação que a prática da consultoria de imagem e estilo constrói sua rede de relações e produção de saberes. Nestes termos, o campo da experiência estética, do encontro entre sujeito e objeto, do ensinar moda não é de respostas, mas de inquietações:

A experiência estética pode ser de difícil apreensão, mas, por ter um caráter inquietante, atrai e mesmo obriga a retornar a determinada imagem diversas vezes, interrompendo e voltando, em um vaivém entre o chamado da obra e o desejo de ir além do que ela suscita. A **experiência estética** (grifo nosso) tem, assim, o potencial de desencadear processos de aprendizagem. (KASTRUP, 2017, p.4)

O mais importante é criar espaços “entre”, juntar coisas díspares, espaços aqueles em que ocorram encontros fortuitos e potentes, proporcionar experiência estética por meio de processos de aprendizagem entendendo. Trabalho por uma estética relacional, aquela que promove o convívio no campo das interações humanas, produzindo subjetividades derivadas



do contato com a alteridade. Acreditamos que produzir em experimentação significa produzir
encontros, relações, em que agimos em composição com outros corpos aprendendo a viver
conscientes das ficções que criamos.



ola@grandesite.com.br

Feita esta necessária costura processual, metodológica e teórica, listarei abaixo algumas atividades realizadas como docente do ensino superior em moda em Consultoria de Imagem, narrando a filosofia que as permeia, o dia a dia vivenciado, focando nas práticas, desafios e experiências estéticas.

Consultoria de Imagem na Docência

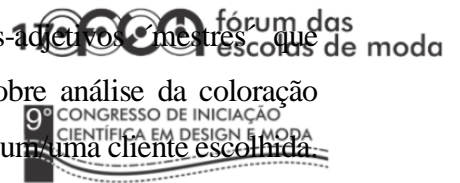
A proposta educativa que desenvolvo na disciplina Consultoria de Imagem (situada no 2º semestre do Curso de Design de Moda da Universidade de Fortaleza – Unifor) é aliar metodologias projetuais do design com técnicas psicanalíticas (associação livre, transferência e escuta flutuante) em fricção com a arte, orientando os discentes a desenvolverem ao longo do semestre projetos de dossiês com investigações, reflexões, identificações, descobertas técnicas, traduções diversas que reflitam seu estilo, intenções e objetivos de imagem.

A ementa da disciplina passa por pensar: as atuações da profissão da consultoria de imagem e estilo, permeando conceitos teóricos e práticos em estilo; identidade, imagem pessoal e os códigos do vestuário; tipos de estilo e tipos físicos; análise da coloração pessoal e visagismo; planejamento e organização do guarda-roupa.

Ajudei a construir o projeto de ensino a partir das experiências estéticas e práticas cartografadas da atuação há mais de uma década na área e ministro a disciplina desde a sua primeira turma em 2022.1. De lá para cá tive a oportunidade de formatar a metodologia de ensino do percurso e orientar quatro turmas, com média de sessenta alunos por turma. Vale ressaltar que um dos objetivos principais da disciplina é respeitar a subjetividade e os princípios éticos de cada sujeito no desenvolvimento da imagem pessoal.

Como trabalhos avaliativos os discentes desenvolvem três projetos de dossiês: o primeiro é um posicionamento de estilo sobre si. O trabalho deve conter painéis semânticos com imagens que abordem um quadro de identificações estéticas, textos narrativos sobre si assim como a escolha de dois a três estilos universais em porcentagens que representem sua maneira particular de vestir. Para

além dos estilos universais, é pedido que elejam três significantes-adjetivos, mestres, que exemplifiquem também sua linguagem visual. O segundo dossiê é sobre análise da coloração pessoal e o terceiro dossiê é uma consultoria de imagem e estilo feita em uma cliente escolhida.



ola@grandesite.com.br

Divido a jornada metodologicamente em:

1. Imersão: Investigação da personalidade, demandas e do contexto de vida da(o) cliente, com levantamento e coleta de dados por meio de questionários e entrevistas.
2. Pesquisa: Análises técnicas da imagem — tipo físico e silhueta, tipo de rosto e coloração pessoal. Busca de referências para elaborar a identidade visual da(o) cliente.
3. Ideação: Criação de uma proposta estilística que costure todos os objetivos do projeto levantados e trabalhados nas fases anteriores.
4. Verificação: Revitalização e organização de guarda-roupa, experiência em lojas, montagem de looks, fotos.
5. Finalização/prototipação: Elaboração, entrega e explicação de dossiê.

A consultoria de imagem e estilo possibilita que entendamos como somos percebidos nos capacitando a aprender a usar a aparência como ferramenta de poder, agindo em prol de nossa expressão pessoal e inserção social junto a pessoas e lugares onde desejamos criar laços. Pode-se pensar essa prática desenvolvida na Consultoria de Imagem como reflexiva na medida em os produtos desenvolvidos ao longo do semestre devem, além de refletir a essência/singularidade/elementos de diferença do estudante, ter como base a escuta atenta, a tradução criteriosa e crítica, a funcionalidade e a inclusão social pela moda.

Práticas arte-educadoras como estas são experiências de encontro consigo mesmo e com o outro. Opera ressignificação de mundo pelo projeto desenvolvido, imerso em sua cultura e tradição, sendo vinculado aos processos inconscientes dos alunos. A pesquisa e o ensino de moda, tendo a arte como norte do saber e fazer, possibilita meios de investigação e maior compreensão das atividades humanas.

Parafrazeando Paul Klee: não apresentar o visível, mas tornar visíveis forças invisíveis. Isso exige um processo em devir, e não a descoberta de alguma entidade pronta que esteja escondida. Esse posicionamento ético confere mais liberdade, autonomia e responsabilidade ao ofício que deve sempre pautar-se no desejo e na relação de transferência de ambas as partes.

A consultoria de imagem e estilo trabalha com um conceito importante e caro para a psicanálise: a transferência. A transferência pode ser entendida como uma ligação de afeto e confiança baseada na fala e na escuta flutuantes. A escuta flutuante é um método descrito por Freud



ola@grandesite.com.br

como sendo uma atenção distante. Aqui, ela é pensada como uma espécie de canal de ligação que se estabelece entre cliente e consultor e, na clínica psicanalítica, entre analisante e analista.

Geralmente, quem busca o serviço de consultoria de imagem e estilo são sujeitos que estão passando por uma mudança e ou transformação em alguma área de sua vida, seja pessoal e/ou profissional. Precisam entender que momento estão vivendo e como resgatar algo de sua personalidade que ficou perdido, projetando onde querem estar/ sentir/expressar. Por fim, a consultoria de imagem e estilo pode tornar o sujeito mais inventivo, arteiro, com ferramentas poéticas e singulares para criar de maneira funcional o seu próprio estilo. A imagem construída de forma consciente tendo o inconsciente como fio condutor expressa e ordena o mundo sensorial, consequentemente o emocional e o racional.e se implique na construção de sua aparência.

Os resultados ecoam em processos criativos artísticos, produtos autorais, metodologias inventivas, atreladas à comandos éticos e estéticos. Abaixo narro a experiência estética de uma aluna intitulada de Maria (nome fictício) que passou pelo processo da disciplina e se disse ´ter se encontrado depois de ter vivido algo tão diferente e que deu a sensação de ter finalmente enlaçado meu corpo´.

Estudo de caso: Maria – enlaçando um corpo

Maria diz ter entrado no curso de moda motivada pela cadeira de Consultoria de Imagem. Afirma que após a conclusão do projeto de dossiê sobre si experimentou uma sensação intensa de autorização e satisfação. Suas dores permeavam o fato de não ter tido muitos recursos materiais em sua infância e adolescência: ´Eu sempre aproveitava o que era dos outros. As minhas roupas estavam sempre com cores desbotadas, grandes ou pequenas demais´.

Já na vida adulta, após muito estudo e trabalho e agora mãe de três filhas, Maria diz finalmente ter podido comprar ´roupas de marcas´ para si. Porém, não se via no direito de usar

as suas melhores peças que sempre contavam com a ajuda das linhas para serem escolhidas. Eu sinto como se não pudesse desfrutar do meu próprio banquete. Através do conhecimento sobre formas, cores, linhas e silhuetas, Maria diz ter conseguido finalmente estar verdadeiramente alinhada com sua personalidade e desejo. Um dia



11º fórum das escolas de moda

9º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

ola@grandesite.com.br

me perguntou Maria em uma das sessões de supervisão em sala de aula: ‘Eu posso mesmo usar todas essas cores luminosas e roupas boas, professora’? Respondi simplesmente que sim. Naquele momento Maria disse que toda a sua história era resignificada: ‘Saber que sim fez com que tudo ficasse mais limpo e claro. É assim também que quero ser e me vestir. Estou feliz de mudar de máscaras. Aliás, de ter encontrado aquelas que cabem direitinho em mim’. A partir daí seus armários foram contaminados por novos devires e discursos, congruentes, coerentes, consistentes.

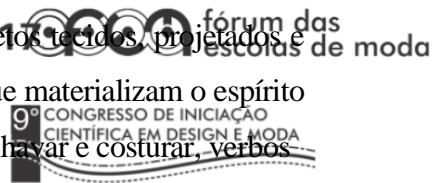
O enfrentamento com as linhas do passado foram vias para a construção verbal e estética de um novo corpo que se atualizava pela via do desejo, sendo escolhido e esculpido pela palavra que então se transformava em objeto-poético vestível, articulando motivações internas e externas. As principais escolhas morfológicas foram contraste de formas orgânicas e geométricas, o uso das cores quentes, claras e luminosas com foco na paleta de primavera luminosa, inspirações marinhas que flertavam com seu desejo de liberdade e acolhimento, ‘toda vez que uso branco com azul com mistura de linhas curvas e retas sinto que sou dona do meu próprio barco’, me disse Maria ao justificar as traduções de seu projeto, pois afinal ‘eu sou só mais uma mulher e tenho direito de parecer ser o que eu quiser’.

Toda a vivência compartilhada é um dos tantos exemplos de experiência estética que acontecem no espaço mágico de uma sala de aula que promove a expressão e transformação de subjetividades outras. As performances visuais e os afetos de Maria se transformaram. E os meus, a partir desse(s) encontro(s), também. Des-vestir para vestir. Todas as mulheres são exceção.

Considerações Finais

É inegável que o vestir se apresenta como campo privilegiado da experiência estética na contemporaneidade, lançando nosso olhar por híbridas e diversas temporalidades pelas ações que

engendra sob a ótica da moda. Nos permitimos, na apropriação dos objetos tecidos, projetados e imaginados, nas tramas e cores, o contato com uma profusão de signos que materializam o espírito do tempo, com os quais operamos subjetividades, dia após dia. Fecer alinhar e costurar, verbos



ola@grandesite.com.br

rotineiros na lida com a matéria-sensível foram ressignificados na matéria-conceitual do pesquisar, pensar, elaborar, escrever e criar.

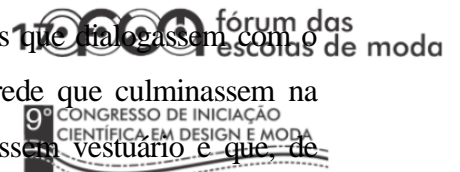
A abordagem receptiva, sensível e cartográfica aliada com técnicas psicanalíticas tem demonstrando que a consultoria de imagem e estilo pode se manifestar como uma experiência estética na medida em que cria poéticas críticas e performativas pelo entrelaçamento entre o corpo, a moda e a arte.

Apresentou-se relato de experiências, enquanto artista-pesquisadora-consultora-professora, como índices e rastros de um percurso constituído nos fluxos das experimentações; expondo uma cartografia do processo de criação, de ensino, de prática e reflexão.

A proposta original teórico-prática contida neste trabalho é a de que o traje escolhido pela via do desejo pode ser encarado como um objeto-poético, articulando motivações internas e externas. É uma síntese entre espaço, tempo, cor, memória, cultura, uma estrutura social-cultural-política-econômica, mobilizando-se reciprocamente. Sendo assim, as imagens esculpidas constroem, moldam, apresentam subjetividades em trânsito; apontam, criam, ditam e expressam subjetividades por meio da repetição dos elementos evidenciados na aparência “escolhida”. Como implicação social, buscou-se discutir de que modo a imagem construída de forma consciente tendo o inconsciente como fio condutor expressa e ordena o mundo sensorial, conseqüentemente o emocional e o racional. Propõe-se também uma visão menos fantasiosa e imaginária sobre a estética que esculpimos em nosso corpo.

Considera-se que a consultoria de imagem e estilo pode atuar diretamente no campo sensível da percepção com os sentidos, promovendo ações performativas e expressivas de subjetividades outras, tendo a moda como saber teórico e prático. De modo que o trabalho é travessia de corpo e memória em experiência, em que no tempo, espaço e memória, a presença se define pela ausência. Neste sentido, é ressingularização pelo corpo; ressingularização do desejo no corpo social, sendo agente relacional entre corpo, estética e política.

Com efeito, a partir da elaboração de experimentações estéticas que dialogassem com o pensar e fazer do trabalho, almejei explorar processos criativos em rede que culminassem na produção de experimentações subjetivas e performativas que envolvessem vestuário e que de alguma forma, encontrassem no campo do ensino de Moda o lugar da consultoria de imagem e estilo como experiência estética.



ola@grandesite.com.br


Referências

- CASTILHO, Kathia. GARCIA, Carol (org.). **Moda Brasil – fragmentos de um vestir tropical**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001. p. 15-16.
- CASTILHO, Kathia. In: **Moda também é texto**/Sandra Ramalho e Oliveira. São Paulo: Edições Rosari, 2007.
- CASTILHO, K. & VICENTINI, C. In: **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo** / Ana Claudia de Oliveira, Kathia Castilho, organizadoras. – Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.
- COELHO, Maria José. **Moda um enfoque psicanalítico**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1996.
- CRUZ, O. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: Minayo, Maria Cecília de Souza. (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 51-66.
- DIAS, Belidson. **A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução**. XVII CONFAEB – Congresso Nacional de Federação dos Arte Educadores do Brasil – VI Colóquio sobre Arte. Em Florianópolis UDESC/UFSC, 2007. Anais disponíveis em: http://aesc.udesc.br/confaeb/mai.php?l=lista_anais. Acesso em: 20/08/17.
- DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. Pesquisa educacional baseada em arte; a/r/tografia. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.
- FERREIRA, Gloria e COTRIM, Cecilia. [orgs.] **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- KASTRUP, VIRGÍNIA. In: **Incerteza viva : processos artísticos e pedagógicos** : 32ª Bienal de São Paulo / Jochen Volz, Valquíria Prates, (orgs.). – São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.
- KASTRUP, V. e PASSOS, E. **Cartografar é um plano comum**, Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n.2, p. 263-280, Maio/ago. 2013
- KLEE, P. **Teoría del arte moderno**. Buenos Aires: Cactus, 2007.

MESQUITA, Cristiane. **Ziguezage – Moda e Arte**. *Doc. de Graduação*, n° 2, p.31-35. São Paulo: Estação de Letras e Cores, 2008.



17  fórum das escolas de moda

9  CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

MESQUITA, Cristiane e PRECIOSA, Rosane. **Moda em Ziguezague: interações e expansões**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011

ola@grandesite.com.br

MORIN, Edgar. **Complexidade e liberdade**. Ensaios THOT. São Paulo: Associação Palas Athena. N.. 67, p.12-19, 1998.

NAVARRI, P. **Moda & Inconsciente: olhar de uma psicanalista** / PascaleNavarri; tradução de Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Moda também é texto**. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Processos artísticos como metodologia de pesquisa**. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>. Acesso em: 21 de março de 2017.

ROLIM, Herbert. **Arte anfíbia: o caso Otacílio de Azevedo**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROLNIK, Suely. **Instauração de mundos**. São Paulo, 1997. Disponível em: < <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Instauracao.pdf>> Acesso em: 15/11/2016.

ROLNIK, Suely. **Políticas da hibridação: evitando falsos problemas**. p.217-223. In: Moda em ziguzague: interações e expansões/org. Cristiane Mesquita, Rosane Preciosa. – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria da moda: sociedade, imagem e consumo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.